



# A DIFÍCIL ALVORADA

Sérgio Buarque de Holanda

ENTRE os nomes de autores europeus ou americanos que, ao lado de um Fernando Pessoa, por exemplo, ou de um Rilke, ou de um Valery, vêm merecendo a decidida preferência das gerações ascendentes de poetas brasileiros, o de T. S. Eliot ocupa um dos lugares privilegiados. E essa simples preferência, ao menos no caso de Eliot, já é talvez indício seguro de um momento novo na poesia nacional.

Não se pode dizer, é certo, que os autores citados tenham sido desconhecidos das gerações anteriores. Mas o fato é que, se chegavam a interessar muito vivamente este ou aquele escritor, tratava-se de fenômenos isolados, sem força para imprimir novo rumo às correntes dominantes.

Hoje, ao contrário, e com poucas discrepâncias, eles tendem a compor uma espécie de parnasso coerente, e todo-poderoso, capaz de impor seu ritmo aos ânimos mais recalcitrantes. Alguns, é verdade que não estimulariam, para empregar a imagem musical do sr. Ledo Ivo, aquele amor sem jaca à *quadratura finita*, quer dizer à composição menor e disciplinada, em contraste com os versos tumultuosos e desmanchados "que se desdobram de si mesmos como as ondas do mar e os discursos dos comícios". Mas então é porque lisonjeariam seu gosto, não menos acendrado, pela expressão metafórica ou sibilina.

AS novas preferências intelectuais pareceriam, à primeira vista, encaminhar a essas novas fidelidades. Ou será mais verdadeira a recíproca? E, neste caso, não se daria aqui o que tão frequentemente sucede em casos tais, que os fiéis fabricam seus ídolos à própria imagem e semelhança?

EM 1924, um dos representantes do *imagismo* inglês, o poeta F. S. Flint, ao dar conta, nas páginas da revista *Criterion*, de Londres, do aparecimento, entre nós, de *Estética*, então um dos órgãos do movimento modernista no Brasil, não deixava de exprimir sua surpresa ante o realce que na publicação sul-americana já se dava a uma série de autores britânicos ainda quase desconhecidos em sua terra de origem. Dessa série constava o nome de Eliot, então diretor da própria *Criterion* e autor de um longo poema — *The Waste Land*, — que, publicado dois anos antes,

atraia a atenção de alguns círculos de vanguarda na Inglaterra e nos Estados Unidos.

Deve-se confessar, todavia, que o interesse então suscitado entre escritores brasileiros pela obra de Eliot não passou de uma curiosidade limitada e, às vezes, creio que pouco simpática. Estava-se muito perto da descendência direta de Rimbaud ou da descendência de Whitman — de um Apollinaire, de um Max Jacob, de um Cendrard, de um Cocteau, de certos italianos como Soffici ou Palazzeschi — para dar grande atenção a representantes do incipiente movimento anglo-saxão, que não se cansava de proclamar sua dívida a Corbière ou a Laforgue. Depois tivemos a invasão surrealista, que se não nos submergiu de todo, deixou marca em muitos autores, entre os mais representativos do tempo.

Hoje volta-se a descobrir no Brasil o autor de *The Waste Land*, mas já não se trata de uma simples complacência distraída. E, ainda desta vez, o fato encontrou quem o registrasse entre os que, longe do Brasil, se ocupam de coisas brasileiras. Escrevendo há poucos meses para a *Hudson Review* de Nova York, o jovem historiador e crítico Richard M. More observou, quase sem exagero, que os nossos escritores só tomaram conhecimento da obra de Eliot há oito ou dez anos, embora empreendam agora "valentes esforços" para assimilá-la.

Refere-se, de passagem, à *Revista Brasileira de Poesia*, de São Paulo, e não deixa de acrescentar que, por mais de um motivo, a ação daquele poeta aqui não teve o significado que assumiu há quase três decênios em terras de língua inglesa. "Em primeiro lugar", escreve, "os critérios e a psicologia do Brasil, por volta de 1940 e, agora, de 50, não se comparam aos dos Estados Unidos do decênio de 20. Depois, Eliot chega ao Brasil, não como um fenômeno pessoal extraordinário, mas como uma respeitável instituição, assistida por uma numerosa literatura crítica e explanatória".

O autor poderia expôr as razões e as inevitáveis defasagens que caracterizam essa aparente influência se dissesse que o prestígio atual de Eliot e de alguns outros poetas de língua inglesa no Brasil é teoricamente explicável pelo prestígio do gosto "clássico" entre nossas novas gerações, contrastado ao "romantismo" dos homens de 22. O tradicionalismo político, religioso — *high church* — e em certos pontos até literário de um Eliot e de um Pound, tradicionalismo que o coronel Lawrence, em uma das suas cartas, compara finalmente ao afã do "homem novo" em busca de an-

nossos poetas ousasse escrever "fruta" ao invés de "fruto", que lhe parece tão mais poético. E que não titubeasse em dizer "cachorro", quando temos a palavra "cão", capaz de suscitar tão velha e nobres evocações. Estão certo de que, embora preferindo notoriamente os gatos, Eliot não deixaria de usar o equivalente de "cachorro", caso oferecesse, em inglês, a mesma constatação prosaica que envolve entre nós.

EM alguns casos o apego ao decorativo convencional torna-se hoje inteligível como reação contra a espécie de jornalismo poético em que tantas vezes descaíram os epígonos da geração precedente. Contudo a opção pelos ritmos estereotipados, pelas expressões convencionalizadas, só pode satisfazer os gostos fáceis ou as imaginações preguiçosas. E não deixa de ser um paradoxo dos mais curiosos, que seus adeptos se recrutem de preferência entre aqueles mesmos que reclamam com insopitável energia um novo artesanato poético. A superação efetiva do modernismo não estará certamente em opor-se convenções pró — ou contra-revolucionárias a convenções revolucionárias. Que uma superação é possível prova-o admiravelmente o último livro de poesia do sr. João Cabral de Melo Neto. E, para lembrar apenas mais um caso, prova-o também uma obra como *O Carrossel* do sr. Décio Pignatari, que, ao lado de *Auto do Possesso* do sr. Haroldo Campos, foi a mais surpreendente revelação dos Cadernos de Clube de Poesia de São Paulo. Esses dois exemplos mostram o chamado post-modernismo em sua fase realmente afirmativa, e não na simples atitude de reação, que é, em suma, uma atitude de dependência.

Para remessa de livros: Rua Haddock Lobo, 1625 (São Paulo)

tepassados ilustres (Eliot e Pound são americanos de Middle West) concordam bem com êsse gôsto.

Na prática, entretanto, a distância não poderia ser maior. o "equilíbrio" clássico, se assim se pode dizer, daqueles poetas é um equilíbrio de contrários, uma harmonia entre o espiritual e o material, entre o grandioso e o grotesco, entre a paixão e a ironia, entre o poético e o prosaico. Nos nossos autores novos, semelhante equilíbrio é inexistente e, em realidade, desnecessário, uma vez que êles buscam, com raras exceções, expurgar de suas criações o grotesco, o ironico e o prosaico.

**P**OR êsse aspecto é inevitável tentar discernir na admiração que tantos professam pela estética eliotiana algum misterioso mal entendido. Seu "classicismo" compara-se precisamente ao que, segundo aquela estética, não passa, em verdade, do romantismo, que seria justamente a incapacidade de tolerar qualquer entrelaçamento de emoções contrastante e de admitir que o prosaico, em muitos casos, pode *intensificar* o poético. E' certo que sua atitude os aproxima do outro e veneravel classicismo, o da querela dos antigos e modernos, ao tempo em que se discutia com seriedade sobre se determinados temas, determinados motives, determinadas palavras têm cabimento na linguagem alevantada da poesia. A êsse respeito é bem significativo, por exemplo, que um dos guias do nosso post-modernismo e tradutor, êle próprio, de Eliot, o sr. Domingos Carvalho da Silva, tenha lastimado, não há muito, que um dos